

BRASIL-PORTUGAL

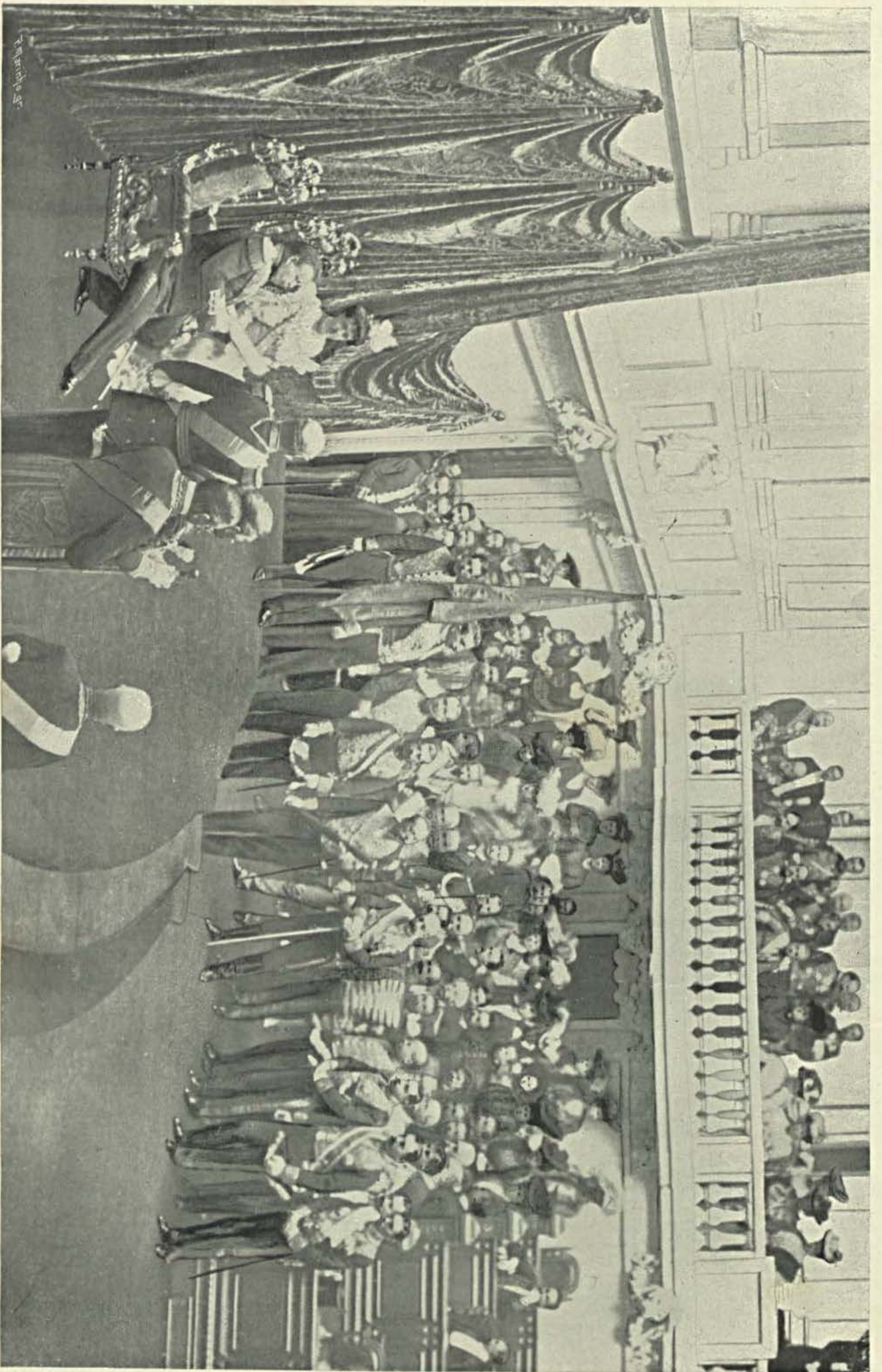
16 DE FEVEREIRO DE 1906

Nº 170

Mr. Fallières



Novo Presidente da Republica Franceza
recentemente eleito, e que tomará posse a 18 de fevereiro



ABERTURA DAS CÔRTESES. — Sessão real em 1 de fevereiro de 1906

CHRONICA

Abertura das Côrtes — Echos da Arcada

A abertura de camaras, sol a dardejar os melhores dos seus raios, tropas reluzindo pelas ruas e praças, joias e *toilettes* em exhibição, o condestavel de estoque em punho guardando o throno da camara alta, no seu posto ministros, pares e deputados, resplendente de elegancias e formosuras a galeria diplomatica, o discurso da corôa proferido em voz barytonal, e



Chegada de El-Rei ao palacio das Côrtes

realçando todos estes attractivos e apparatus a belleza inconfundivel da Rainha, que as constellações de pedras preciosas adornando o manto regio não conseguem offuscar nunca, e nós, em summa, com vontade de perguntar:

“Para que serviu tudo isto?”

Dentro de poucos minutos as tropas regressavam aos quartels, e dentro de poucos dias o programma governativo do discurso da corôa recolhia a penates.

Succederam-se n'uma vertigem as visualidades da magia constitucional, e ainda uma semana não era decorrida, já as peizadas portas de S. Bento, abertas com solemnidade, se cerravam com estrondo. Deram-se n'esse rapido espaço de logar e de tempo victorias e derrotas, sem se terem dado luctas nem refregas. Correu sangue sem que chegasse, quasi, a ser desembainhada a espada flammejante... da rhetorica. E pensar a gente que se o Destino dos povos se lembra de addiar para d'aqui a alguns mezes a morte do velho rei da Dinamarca, nada do que se deu se teria dado!

E' que para nós é ponto de fé, indiscutivel e absoluto, que o auctor da hecatombe de S. Bento foi o bondoso Christiano IX. Elle que nunca fez mal a ninguem no seu paiz foi o rastilho que no nosso proveceu o incendio. Se não ha a obrigação regimental de prantear os monarchas que desaparecem da scena do mundo, não se proporcionava o ensejo de se jogarem *biscas* indirectas aos que no mundo continuam a florescer. E, por outro lado, também se não tinha chegado a escarmentar o governo com azedume dynamico por elle embirrar em não correr em massa á camara dos pares com o fim de deitar em nome da nação umas bagas de pranto e uns pés de cinza sobre o cadaver ainda mal arrefecido do monarcha scandinavo.

Mas as coisas são o que são e não ha mudalhes o rumo. O luto que até aqui tem sido uma insignia de paz e de concordia foi d'esta vez uma bandeira de revolta. As victimas do *Aquidaban* e o rei da Dinamarca vieram abrir a cova onde foi enterrado o parlamento — victima do governo. Os lamentos confundiram-se com os berros, os *fóras* e os *murras* aos vivos succederam ás condolencias pelos mortos. E, por sua vez, veio a morte excitar os animos, vibrar a fibra, e lançar o grito de revolta. Entrava-se no regimen do paradoxo, parecendo não haver senão esta *divisa*:

“Logar ao disparate.”

O governo fala enfim! ou antes começa a falar, e as primeiras palavras não eram ditas, abrem-se mil valvulas e represas por onde explue toda a sorte de maus humores, e de raivas até ahí concentradas. Nas galerias os espectadores aggridem os continuos a murros, na sala os deputados aggridem-se uns aos outros a... injurias. O charivari toma proporções epicas e ha um momento... historico em que a Praça da Figuera tem inveja ao Palacio de S. Bento.

No dia seguinte o Rei dá ordem para que as portas se fechem, para que a casa seja lavada, para que seja dissolvida... a assembléa. Uns protestam, outros gostam, estes reprovam, aquelles applaudem, d'este lado chamam benemerito ao governo, d'aquelle consideram-n'o traidor, e sob as mascaras mais artificiosas e diversas, alguns dos que embirraram com a solução, procuram attingir na sua furia quem pela constituição é inattingivel.

Ela aqui tem o que foi nos ultimos dias a situação politica do

paiz, e algumas das gravuras que illustram estas paginas hão de ter o condão artistico de evocar as horas passadas, de fixar grupos, de recordar versões e commentarios, tão numerosos e variaveis como variaveis e numerosas eram as cabeças d'onde sahiam, de apanhar em flagrante dialogos e exclamações!

Desde a abertura real das côrtes fielmente reproduzida n'uma pagina, até ás scenas picarescas e imprevistas que a dissolução originou, ahí ficam estampados e vivos, atravez da photogravura, este trecho interessante, esta historica e ruidosa *étape* da politica, n'este momento da vida nacional.

Confunde-se muitas vezes o pensamento com o sonho.

Na vida faz-se muita coisa que se não approva.



Suas Magestades á entrada do palacio das Côrtes

A prima Sally Dilliard

○ advogado Chops levanta-se.
— Senhores juizes e senhores jurados, nunca, desde que tenho a honra de exercer bem ou mal (não me compete apreciar) a profissão de advogado, tive que defender perante um tribunal uma causa tão clara.

Nunca tambem se viu n'um paiz livre mais doloroso e candalo, scena de violencia mais inqualificavel do que esta de que foi theatro a casa do meu cliente, o capitão Rice. Aqui de nada serve a eloquencia; os factos falam com mais auctoridade do que eu o podia fazer.

As testemunhas que intimei e que lhes vou apresentar sem custo os vencerão.

A primeira testemunha que compareceu declarou que estava em casa do capitão Rice. Ouviu bulha, como de dois homens que se reboavam no chão e que faziam cair os moveis, mas passava-se isso n'outra sala, e não onde elle estava: não lhe ligou importancia e nada viu.

A segunda testemunha diz que lhe parece ter visto o capitão Rice e outro individuo engalfinhados; mas não conhece esse individuo, ignora de que se trata, e não sabe qual dos dois começou.

O terceiro diz que tinha bebido tanto que se não lembra absolutamente de coisa nenhuma.

O processo não caminha. Juizes e jurados dão signaes de impaciencia.

Chops — Deploro, meus senhores, ter lhes feito perder o seu tempo a ouvirem os depoimentos de semelhantes pedaços d'asnos. Creiam que os não teria intimado para comparecerem aqui, se soubesse, como acabo de saber, que tinha aqui á mão uma testemunha intelligente, conhecedora dos factos, e capaz de os explicar com toda a clareza desejavel. Ande cá, sr. Harris, e preste juramento.

Gordo e baixo, Harris apresenta-se e presta juramento com ar de homem que sabe o que faz.

Chops — Harris, queira contar nos o que se passou em casa do capitão Rice. O tribunal já perdeu bastante tempo com as testemunhas que o precederam. Obsequieia-nos sendo claro e rigoroso.

Harris (piscando os olhos) — Perfeitamente
Tosse para aclarar a voz, escarra, tosse outra vez e principia:

— E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os que fossem a casa d'elle. Então minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally — apparece em minha casa pela manhã e pergunta-me se eu dou licença para minha mulher ir com ella a casa do capitão Rice. Respondo á prima Sally que minha mulher não anda boa, que tem o diabo do rheumatismo n'um quadril, que exactamente no caminho de casa do capitão Rice fica um grande charco, e que, tendo chovido muito, o charco ha de estar cheio; mas emfim, visto ser ella, a prima Sally, que assim o deseja, deixarei ir minha mulher. Então a prima Sally pergunta se Moysés, meu filho, as não podia acompanhar. Respondo que Moysés anda a recolher o feno, e que o feno este anno é muito bom; mas emfim, visto ser ella, a prima Sally que assim o deseja, deixarei tambem ir Moysés...

Chops — Com seiscentos milhões de diabos, sr. Harris, que temos nós com tudo isso?

Harris — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que



Na Arcada — Vespera da dissolução

— ?...
— Scismo e não lhe vejo juro...

n'esse dia havia de banquetear todos os que fossem a casa d'elle. Bem. Então minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally — apparece em minha casa pela manhã e pergunta-me se eu dou licença para minha mulher ir com ella a casa do capitão Rice. Respondo á prima Sally

Chops — Basta, testemunha. Não nos importa para nada com sua mulher nem com sua prima Sally Conte nos a scena do pugilato.

Harris — Isso quero eu. O senhor é que me está a interromper.

Chops — Pois então siga.

Harris — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os que fossem a casa d'elle. Bem. Então minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally — appareceu-me em casa pela manhã e pergunta-me se eu dou licença para minha mulher...

Chops — E lá torna elle. Silencio, testemunha!

Harris — Mas então o que é que os senhores me querem?

Chops — Queremos a narrativa da desordem, e não queremos as suas tolas historias. Está ou não está ao facto do que succedeu?

Harris — Já se vê que estou.

Chops — Então conte.

Harris — E' de saber que o capitão Rice...

Chops — E então o animal não torna á mesma!... Peço ao tribunal que intervenha e que faça saber á testemunha que lhe está faltando ao respeito.

O juiz — Testemunha, está perante um tribunal, e, se não se porta de outra maneira, vejo-me obrigado a



Na Arcada — Vespera da dissolução

— ?...
— Não se sabe nada...

mandal-o prender. Diga-nos o que sabe do processo e nada mais.

Harris — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os...

Chops — Requeiro ao tribunal a prisão da testemunha.

O juiz (depois de consultar os seus collegas) — O tribunal entende que o melhor será talvez deixar a testemunha contar as coisas a seu modo. Continue, testemunha, mas, por Deus, vamos ao essencial!

Harris — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os que fossem a casa d'elle. Bem. Então minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally — apparece em minha casa pela manhã e pergunta-me se eu dou licença para minha mulher ir com ella a casa do capitão Rice. Respondo á prima Sally que minha mulher não anda boa, que tem o diabo do rheumatismo no quadril, que exactamente no caminho da casa do capitão Rice fica um grande charco, e que, tendo chovido muito, o charco ha de estar cheio; mas emfim, visto ser ella, a prima Sally, que assim o deseja, deixarei ir minha mulher. Então a prima Sally pergunta se Moysés, meu filho, as não podia acompanhar. Respondo que Moysés anda a recolher o feno, e que o feno este anno é muito bom; mas emfim, visto ser ella — a prima Sally — que assim o deseja, deixarei tambem ir Moysés. Põem-se a caminho, Moysés, minha mulher e a prima Sally, e chegam ao charco. Eu adivinhára. O charco estava cheio. Havia um tronco de arvore a servir de ponte. Moysés e a prima Sally, como pessoas de juizo, passam pelo tronco sem se molhar; mas minha mulher, como uma palerma que é, levanta as saias e começa apatinhar no charco. Imaginem o estado em que voltou para casa. E' o que eu sei do caso do capitão Rice.

HAMILTON JONES.



Na Arcada — Vespera da dissolução

— *Eu cá rio-me...*
— *Por dentro ou por fóra?*

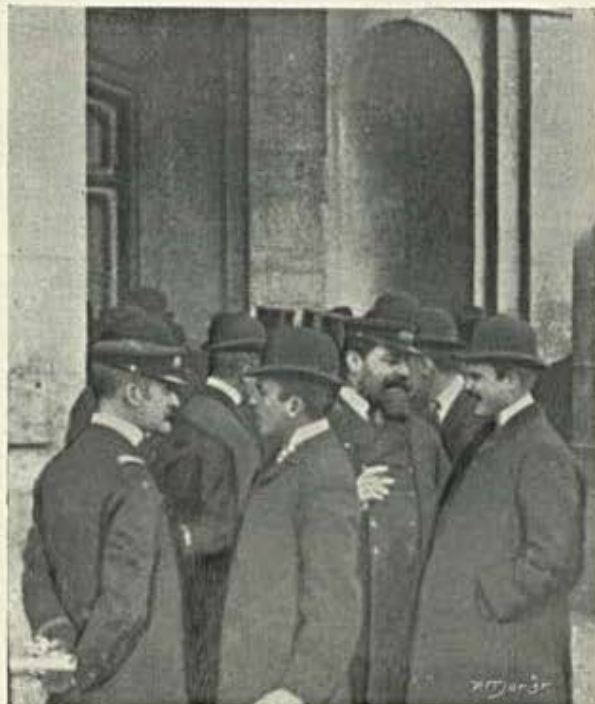


Dr. Eduardo Alves de Sá
Advogado e jurisconsulto
† em Lisboa a 4-2-900

Individualidade verdadeiramente prestigiosa, desapareceu deixando uma lacuna impreenchivel. Renovou o direito civil, baseando-o nos mais avançados principios da philosophia positiva, tratou com brilho e venceu com gloria processos celebres; entre os quaes aculla aquelle em que entrou como accusado e saiu como heroe o actual contra-almirante Augusto de Castilho, um dos directores do «Brasil-Portugal», e, a par de serviços sem conta que prestou a numerosas collectividades, de rasgos de character e de generosidade que por vezes lhe aureolaram o nome, o doutor Alves de Sá tinha ainda tempo e talento para cultivar com brilho equal e equal exito a pintura, a musica, a esculptura, a aguarella, a agua forte, a critica artistica, tudo o que demanda tocção e talento.

Notarel em ramos diversos, esse feixe de nervos, como alguém lhe chamou, a sua existencia assombra todos aquelles que para obra tão laboriosa, tão vasta e tão complexa, tem de reconhecer-se impotentes.

Doutor em direito, jurisconsulto e escriptor insigne, viveu 57 annos apenas, mas deixou um nome que já pertence á Historia no capitulo que ella consagre aos intellectuaes roubados cedo pela morte á gloria de Portugal.



Na Arcada — Vespera da dissolução

— *Tanto se me dá como se me deu...*
— *E' eu *idem...*

A primeira missa na America

O primeiro sacerdote que celebrou o sacrificio da missa, na America, depois da descoberta por Colombo, em 1492, foi fr. João Peres, portuguez, religioso de S. Francisco. Disse a missa no porto de S. Domingos, em uma capella que o mesmo padre fabricou de ramos de arvores, collocando n'ella o Santissimo Sacramento.

Real Collegio Militar

Em todos os paizes se tem pensado desde longa data em cuidar da educação dos filhos dos officiaes do exercito e da armada, creando para esse fim estabelecimentos, em que os descendentes d'estes servidores do estado são recebidos como pensionistas, e em que se possam formar

homens possuidores de um caracter honrado e resolutivo, intelligencia viva e esclarecida e com o organismo desenvolvido para as fadigas laboriosas da vida pratica.

Estes estabelecimentos constituem como que viveiros d'amor patrio, onde se desenvolvem os sentimentos de abnegação, tão uteis na hora em que apparece o perigo ou a ameaça da perda da independencia nacional.

A França comprehendeu, primeiro do que nós, a justiça que assistia aos officiaes do seu exercito, mortos em campanha ou inutilizados no serviço militar, dotando-os em 1604 com uma instituição primeiramente installada em Saint-Cyr e que mais tarde foi transferida para a *Flecha* — antigo castello, de que Henrique IV tinha feito doação aos jesuitas, para ser destinado a um collegio de educação dos filhos de familias nobres e dos que tencionassem seguir a carreira das armas.

Em 1791, o collegio tornou-se propriedade nacional e foi transformado em *Prytanée Militaire*, onde hoje se ministra a instrução secundaria aos filhos dos officiaes do exercito, que são ali recebidos como pensionistas do Estado.

A palavra *Prytanée* é de origem grega e representa qualquer estabelecimento fundado a favor dos que bem mereceram da patria.

Além do *Prytanée Militaire* existem mais seis escolas militares preparatorias, para educação dos filhos das praças de pret.

No *Prytanée* é professada a instrução secundaria e n'estas a instrução primaria e uns preliminares de instrução militar para que os seus alumnos possam ser destinados aos quadros do exercito.

A França antecipou-se a Portugal quasi um seculo, na criação das escolas para educação dos filhos d'officiaes; pois que entre nós só em 1803, devido á iniciativa do benemerito coronel de artilharia Teixeira Rebello, se creou no Forte da Feitoria, perto da Torre de S. Julião da Barra, uma escola com o fim de ministrar instrução aos filhos dos militares que faziam parte da guarnição d'este forte e do de S. Julião da Barra.

Foi o dia 2 de março de 1803 destinado por Teixeira Rebello, á inauguração da escola, que passou logo a ser uma especie de inter-



Officiaes do Collegio Militar

Ao centro:— General conselheiro Moraes d'Almeida, tendo á direita o coronel Raposo Botelho, director, e á esquerda o tenente coronel Anselmo d'Oliveira, sub-director.

nato e que depois de transformações successivas, algumas d'ellas bem criticas, veiu a ser mais tarde o magnifico collegio que hoje se encontra na Luz, proximo de Carnide.

Se procurarmos entre todos os paizes que possuem estabelecimentos analogos, aquelle que passa por modelar encontra-se sem duvida alguma o Japão.



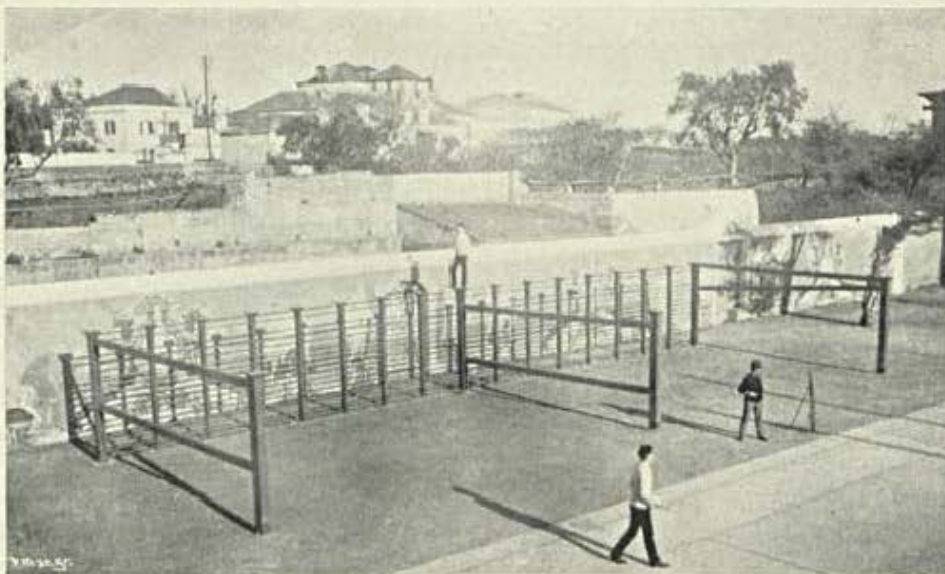
Jardim botanico

Como se sabe, os últimos successos dos japonezes foram principalmente devidos á força moral dos seus soldados, que teem attingido o maximo grau de desenvolvimento. Os resultados colhidos na ultima guerra são a influencia das qualidades da raça japoneza e da educação especial recebida nas escolas.

Os alumnos recebem nas escolas uma aprimorada educação patriótica. Esta missão é posta em pratica pelos professores, pelo proprio mestre de escola das primeiras letras. Não se trata só de instruir. Educa-se. A primeira ideia dominante, profundamente abraçada por todos que teem a seu cargo o ensino, é fazer brotar no coração das creanças o amor e a dedicação absoluta pela patria japoneza. Em todas as festas patrióticas ou militares, em todas as ceremonias fanebres commemorativas dos soldados mortos em defeza da patria, se reserva o primeiro logar para os alumnos das escolas civis e militares. Aproveitam-se todas as occasiões em que os espiritos juvenis dos alumnos possam ser impressionados por espectaculos miiitares: além d'isso o professor comprehende a sua missão educadora, corrigindo e encaminhando os que tentam desviar-se da senda que deve ser trilhada por todos, para que o Japão seja como que o centro do universo, destinado a dominar e a regenerar o mundo.

N'um bello livro escripto por Edmond Demolins, para mostrar a superioridade dos anglo-saxões, mostra-se a importancia capital com que estes encaram a educação nas escolas e internatos.

Quem fixar um mappa mundi, vê resaltar a extraordinaria po-



Gymnasio

de projecções luminosas para estudos de geographia, astronomia, monumentos, obras de arte, gabinete photographico, aulas de zoologia, botanica, uma magnifica bibliotheca em que se encontram as mais notaveis obras scientificas, gymnasio, etc.

O que mais avoluma a importancia d'estes melhoramentos é o proveito que d'elles se tira, em todos os trabalhos praticos. Todos estes melhoramentos logo á primeira vista não nos poderão causar surpresa, se attendermos ao vulto proeminente que se encontra á frente do Real Collegio Militar, o coronel sr. Raposo Botelho, que sabendo ser o mestre dos mestres, pelo seu elevado talento e proficiente illustração, possui notaveis qualidades de bom senso para levar a cabo a espinhosa missão do cargo que desempenha.

Publicamos as photographias dos alumnos do collegio, no presente anno lectivo e do actual corpo docente, que continuando a orientar-se pelos processos modernos de educação a que acima nos referimos, terão a desempenhar uma das mais nobres missões para dotar o exercito com officiaes que receberam o embrião dos mais nobres sentimentos e dedicação pela patria.

O *Brasil-Portugal* presta assim a devida homenagem a uma instituição das mais sympathicas que existem em Portugal e de que ha muito a esperar para beneficio do paiz.



Bibliotheca

tencia expansiva d'esta raça, que parece succeder ao imperio romano nos dominios do mundo.

Na analyse feita no livro citado encontra-se o segredo d'esta extraordinaria força expansiva nos processos de educação seguidos nas escolas. E' nas escolas que se encontra logo o contraste entre a Inglaterra e as outras nações do occidente. Este contraste é frisante e permite apprehender logo na sua origem as causas profundas da superioridade anglo-saxonica. Cada povo organisa a educação á sua imagem em vista dos seus costumes e habitos. A educação por seu lado reage sobre o estado social.

São muito notaveis os discursos proferidos no *Prytanée Militaire* pelos ministros da guerra, que assistem em França á inauguração dos annos lectivos. Em todos elles se nota a preocupação constante de enaltecer a direcção educadora dos alumnos.

Alguem dizia ha tempos que o Real Collegio Militar representava um sanatorio moral, isolado no largo da Luz, a uns seis kilometros de distancia de Lisboa. Sem sermos tão optimistas, porque esta instituição ha de ressentir-se do meio e do estado social, concordamos todavia em que este estabelecimento não tem outro em Portugal que com elle rivalise, tanto pelos methodos de ensino adoptados pelo seu corpo docente, como pelos recursos de material de que dispõe.

No praso de um anno foi o Real Collegio Militar perfeitamente adoptado ás exigencias da nova reforma de instrucção secundaria, creando-se laboratorio chimico, gabinetes de physica,

Pensamentos de Barbey d'Aurevilly

Que delicioso livro a escrever: as tolices dos maiores espiritos.

Em questão de forma litteraria o que se deita no va-o é que faz a belleza da amphora: de contrario não se tem senão uma bilha.

E' preciso oppôr os livros aos livros, como se oppõem venenos aos venenos.

Quando os homens superiores se enganam são superiores n'isso como em tudo mais. Enganam-se muito mais do que os espiritos tancanhos e do que as intelligencias mediocres.



Collegio Militar — Curso do 1.º anno

Estrella que foge

Quando setembro chegou dobraram as saudades. Quem lhe dera n'aquelle anno a vida que no outro passado por aquelle tempo tivera! Que saudades tinha do mar, da praia, das noites do Club, sobretudo das noites!

Lembravam-lhe as ondas deixando na areia uma linha humida, sinuosa, que nova onda mais forte desfazia; o sol muito pallido, a que o inverno já proximo começava estriando os raios, irisava a espuma do mar, branca, ligeira, que se apagava na praia, com um grande sussurro crepitante. Lembravam-lhe os passeios de barca pelas tardes serenas entre os bandos de gaivotas muito brancas, com a cabeça acinzentada e as azas e cauda tarjadas de escuro. Lembravam-lhe os bailes do Club e ficára-lhe — para sempre no ouvido a melodia triste d'uma valsa.

Tudo acabára.

Ali estava outra vez quasi só, tristissima, tendo por distracção unica tratar os craveiros dos vasos suspensos á janella em discos ferrugentos. Havia de ali morrer triste, desgraçadamente, aos vinte annos, asphixiada entre as quatro paredes d'aquella casa, n'uma villa escura, feia, sensabõr.

A's vezes os carros que passavam muito carregados, batendo pesadamente nas pedras da calçada, ou a voz arrastada e cheia de

compassadamente como pancadas de pendulo, sobre o zinco do saguão.

O pequeno calára-se, adormecera provavelmente. E a mãe cantava sempre.

O Nicoláo da administração disse então em ar de sentença:

Quantas vezes canta a mãe
Com vontade de chorar.

Angelica limpou uma lagrima com a ponta do avental e a mãe toda enternecida com o bom coração da filha beijou-a muito, dizendo-lhe meiguices.

Angelica sentia escrupulos ás vezes. Tinha vontade de contar tudo á mãe.

Que lhe importava a morte da tia, se alguém a pudesse levar d'ali?

Decididamente matava-a aquella tristeza constante. O odio que tinha agora ás coisas de que mais gostara! áquella quarto onde tão alegre passára tantos annos; ás phantasiosas molduras de papel picado e ás bugiarias das Caldas; ao velho gato amarello, que todo enovelado adormecia na restea de sol, em que as moscas zuniam; ao biombo chinês cheio de figurinhas chatas, e até ao tapete desdobrado em frente do canapé de palhinha, e de que ella tanto gostava em pequena, porque representava a morte de uma tímida gazella nas garras de um soberbo leão, como explicava o Nicoláo!



Collegio Militar — 2.º anno — 2.ª turma

lagrimas que no andar de cima cantava, acalentando a creança que chorava com fome, accordavam-a de noite em sobresalto. Então murmurava baixinho ao travesseiro a valsa que lhe ficára no ouvido, e chorava desesperadamente.

A morte da tia fôra fatal para ella.

A tia adorava-a e, quando os medicos lhe rejeitaram os banhos do mar, não quizera partir sem levar consigo Angelica. Queria mostrar-a, queria que todos lhe admirassem os labios pequenos tão vermelhos como a flôr da romãseira, os olhos rasgados, azues escuros, parecendo quasi negros, ao longe, sombreados pelos cilios compridos, bastos e recurvos, e orelha pequenina, e as covinhas, que fazia nas faces quando sorria, e que enchiam a velha de uma grande admiração pateta.

Morrera a tia, acabára se tudo.

Andava nervosa, desalentada, affligindo a mãe com as lagrimas que lhe sulcavam constantemente as faces.

Uma tarde em que o filho da viuva estava doente, a pobre mulher soluçava na trapeira. Ouvia-se em baixo o baloiçar do berço, cujos eixos ferrugentos rangiam um pouco. A mãe cantava entre lagrimas. O dia estivera chuvoso. Um grande arco-iris passava sobre a cruz alta erguida no frontão da igreja que da janella se via erguido, caído, monotono, semsaborão e pesado por detraz da casa do boticario. As beiras do telhado pingavam tristemente,

A tia de Angelica fôra uma senhora extremamente bondosa. Amava os pobres como irmãos, e a sobrinha mais do que os pobres.



Collegio Militar — 3.º anno — 1.ª turma

Frequentes exaltações nervosas fizeram com que o medico da terra lhe aconselhasse os banhos do mar. Com que alvoroço doido



Collegio Militar — 3.º anno — 2.ª turma

recebeu Angelica o encantador convite da tia! Durante uma semana foram segredos, conferencias, pequenas conspirações, remques, até que afinal, obtido o consentimento da mãe, começou Angelica a tratar da roupa, dos vestidos, do chapéu. Não dormia de contente. Tinha tres vestidos e um d'olles para baile.

Quando saiu da terra, na carruagem, toda risonha, limpava as faces com o lenço, sem sequer se lembrar de que as podia levar molhadas com as lagrimas saudosas da mãe.

O tempo na praia voou.

Angelica entrou em casa, cançada, melancolica, cheia de saudades apenas mitigadas com a esperança d'um novo regresso no anno seguinte.

A tia parecia um pouco melhor; mas breve recaiu.

Passava dias inteiros sem poder sair do quarto e tinha então largas conversas com a sobrinha.

— Não vale a pena amofinares-te. Dez mezes passam n'um instante. Para o anno, quando voltarmos, havemos de conversar a serio. Estás uma mulher; é preciso pensarmos no teu futuro.

E Angelica sentada no chão, com as mãos cruzadas sobre os joelhos agudos da velha, erguia para ella os olhos cheios de luz e contentamento.

Quando a tia adoeceu mais gravemente, não houve ninguem que mais a tomasse a seu cuidado, que mais de carinhos a enchesse. Sentia n'alma as melhoras da tia. Quando a doente se animava um pouco, tomava os caldos com mais appetite, ou passava uma noite socegada, Angelica mostrava-se alegre, risonha e enchia de beijos as mãos enrugadas da velha.

Chegou, porém, um dia em que a doente peorou muito; o medico, apenas a viu, deixou cair o labio. Angelica asustou-se.

Instantes depois do medico sair chegavam os pobres aos magotes, perguntando pela Senhora. A creada respondia baixinho, meaneando a cabeça e dando á bôca um geito triste:

— Mal, muito mal.

E Angelica no quarto, de joelhos ao pé da cama, ouvia as vozes



Collegio Militar — 4.º anno — 2.ª turma

chorosas dos mendigos, as conversas, o murmúrio das orações.

Todas as manhãs a viuva saía á pressa de casa e vinha saber da doente.

Fazia dó, uma vez que lhe disseram que as melhoras davam esperanças, vê-la correr para casa alegre, quasi risonha, tropeçando nas saias pretas. Subiu a escada ingreme do sótão e agarrou-se ao filho a beijal-o. E fazia dó a creança muito macilenta, magrinha, com aquelle ar tristissimo de resignação, que tem as creanças com fome quando já não tem forças para chorar. Com cabecinha caída sobre o peito, chupava os dedos esguios de unhas compridas, fitando os olhos muito brilhantes, orlados de azul, n'um botão de madre-perola, caído no chão e onde os raios do sol punham um ponto luminoso.

N'esse mesmo dia começava a agonia da velha.

Todos horrorisados tinham abandonado o quarto da doente; só Angelica, ficára por ter uns restos de esperança.

A moribunda arranhava os lenções e estorciase no colchão.

Angelica de costas viradas para o leito e com a cabeça encostada aos vidros da janella, ouvia-lhe a respiração entrecortada e difficil, angustiada com o principio do estertor.

Decididamente estava a espirar; não havia duvida possivel.

Amor, invejas, ciúmes, de glorias de uma noite, de tudo se lembrou n'aquelle momento. Lembrou-lhe a valsa, a valsa que tantas



Collegio Militar — 4.º anno — 1.ª turma

vezes dansára. Como era possivel estar tudo perdido para nunca mais voltar?

Era dupla a morte que estava para haver naquelle quarto. Aquella respiração que ouvia, que já não era mais que um sopro, era a respiração d'ella. A tia sentia o joelho da morte carregar-lhe no peito: ella sentia-lhe a mão de ferro apertar-lhe o coração.

A doente deixou de respirar. Angelica voltou-se e viu-a sem movimento, d'olhos esbogalhados, mostrando no ultimo tregeito os dois dentes de cima, descarnados, amarellos, salpicados de pontos negros.

A' janella da trapeira, com os olhos fitos no ceu, estava tambem a viuva áquella hora.

Pensava na que durante um anno tanto ajudára a vida do filho. A boa senhora promettera-lhe tomar conta da creança e por isso ella ficára tão contente ao saber que estava melhor. Aquelle coração de um anno que batia junto ao peito da viuva reflectia para a boa velhinha os raios de amor com que a mãe o aquecia.

Fitava o ceu quando uma estrella correu illuminando tudo com a luz da côr da esperança.

A estrella mergulhou na escuridão e a pobre mãe um pouco supersticiosa, ficou triste como a noite.

D. JOÃO DA CAMARA.



Um bom retrato é uma biographia pintada.

A historia é a consciencia do genero humano.

A posteridade não gosta dos vencidos.

CANTO DO ESTIÃO

No seu carro Holois, o divino Archeiro,
Ao galope ardente da triumphal quadriga,
Suas frechas d'ouro lança, n'um chuveiro,
Sobre a messe falva como falva estriga.

Dormem os pastores, mollemente, á sombra,
Junto dos rebanhos de macia lã;
Dryadas repousam sobre a fresca alfombra;
Emmudece a avena festival de Pan.

Olivaes de prata, lá sobre as collinas,
Vibram do estridente côro das cigarras.
Riem as papoilas, girasoes, bouinas;
Pampanos verdejam, de viçosas parras.

Entre as giestas d'ouro zumbem as abelhas,
Borboletas voam, e, n'um céu d'agosto,
Capitosa, espuma rutilas centelhas
A luz, que referve como um loiro môto.

Mysteriosamente, sob as fundas leivas,
Fremem eleusinas forças germinaes:
Embryões, raizes, planturosas seivas
Casam-se em obscuros hymeneus vitae...

E, na apothose das manhãs radiosas,
Persephona surge do fecundo chão,
Os cabellos flavos nimbados de rosas
E uma espiga d'ouro, tremula, na mão.

LUIZ DE MAGALHÃES.



O amor

Os remedios do amor e o amor sem remedio, são as quatro coisas e uma só de que prometti falar; porque, sendo a enfermidade do amor a que tirou a vida ao Auctor da vida, não se pôde mostrar que foi amor sem remedio, sem se dizer juntamente quaes sejam os remedios do amor. D'esta materia escreveu eruditamente o Galeno do amor humano, nos livros que intitulou *De Remedio amoris*, cujos aphorismos, por que hão de ser convencidos, entrarão sem texto e sem nome, como quem não vem a auctorisar, senão a servir. Os remedios, pois, do amor mais poderosos e efficazes que atégora tem descoberto a natureza, approvado a experiencia e receitado a arte, são estes quatro: o tempo, a ausencia, a ingratição e, sobretudo, o melhorar de objecto. Todos temos nas palavras que tomei por thema; e tão expressos que não hão mister commento: *Cum dilexisset*; eis ahí o tempo: *Suos qui erant in mundo*; eis ahí a ingratição: *Ut transeat*; eis ahí a ausencia: *Ex hoc mundo ad Patrem*, eis ahí a melhoria do objecto. E com se applicarem todos estes remedios á enfermidade, todos estes defensivos ao coração e todos estes contrarios ao amor do divino Amante; nem o tempo o diminui, nem a ingratição o esfriou, nem a ausencia o enfraqueceu.



Collegio Militar — 5.º anno

nem a melhoria do objecto o mudou um ponto: *In finem dilexit eos*. Estas são as quatro partes do nosso discurso: vamos acreditando amor e desacreditando remedios.

PADRE ANTONIO VIEIRA.



Prazer mental

Eu passo ás vezes distraido olhando
No céu os astros ou no campo as flores,
Das flores e dos astros arrancando,
Ebrio de luz e cores,
Tintas virgens e puras, com as quaes
Te vou no pensamento
Pintando o rosto e as formas virginaes.

Uma vez que me viste,
Disseste: «Santo Deus como vae triste!»
Sem suspeitar que tardes tão formosas
E que noites tão bellas
Me dão o goso requintado, a arte
De conseguir pintar-te,
Sem nada mais que estrellas e que rosas,
Um retrato de rosas e de estrellas!...

CONDE DE MONSARAZ.



Collegio Militar — 6.º anno



Collegio Militar — 7.º anno

Em flagrante

Dez horas e meia da manhã, ceu muito azul, aragem um tanto fresca, sol um pouco ardente, espalhando os seus raios pela longa rua, onde, junto aos predios, ha apenas uma sombra de um palmo.

Cá em cima, á esquina de uma rua, onde o predio mais alto espalha mais sombra, *Ella*, vestido cõr de grão, chapêu de palha, á moda, em forma de tachinho, nervosa, morde os beiços, bate com o pesinho finamente calçado em *chagria* amarello, na pedra do *trottoir*. De quando em quando gira sobre o pé esquerdo, voltando-se para todos os lados, lançando a vista ao longo da rua muito comprida . . . *Espera*.

Mais abaixo, quasi ao fim, aproveitando a sombria folhagem de uma arvore pouco desenvolvida, *Elle*, vestido de escuro, chapêu

alto, gravata clara, luvas amarellas, consulta de segundo a segundo o relógio, em attitude nervosa, olhando ao redor, e ao longe, a ver se desponta alguém que espera. E espera tambem . . .

E a gente passa e só por acanhamento os não previne do mal entendido . . .

Ella farta de esperar, meio dia soando, foge raivosa; *Elle*, furioso, despedindo settas do seu olhar irado, sáfa-se . . .

E vão lá depois fazer-lhes acreditar um ao outro, que não faltaram . . .

As mulheres nunca esquecem aquelle que lhe fez uma cõrte atrevida, mas perdoam-lhe sempre.

Uma mulher pôde ter a energia de um homem; nunca um homem poderá ter a delicadeza de uma mulher.

As pessoas fracas não podem ser sinceras.



José de Figueiredo
Pintor portuguez
† em Lisboa a 28-1-906



General Bento Fortunato de Almeida d'Eça
Engenheiro distinctissimo
† em Lisboa a 4-2-906



Pittarelli ph. jr

Um jantar no Bragança oferecido ao sr. Conde de Penha Garcia, actual ministro da fazenda, por alguns dos seus condiscipulos da Universidade de Coimbra

Da esquerda para a direita, 1.º plano: Drs. *Pereira Reis* — *Antonio de Mello* — *Agostinho de Campos* — *Carneiro de Moura* — *Ayres de Castro* — *Ventura da Camara* — *Mendes Martins* — *Cardoso Alves*.
2.º plano: *Cursino Caldeira* — *Arthur Montenegro*, ministro da justiça — *Azeredo* — *F. Patricio* — *Conde de Penha Garcia* — *Marquez de Sousa Holstein* — *Antonio Nogueira* — *Alvaro de Vasconcellos* — *Nunes Mexia* — *Ernesto de Vasconcellos* — *Frederico Martins*.

Politica internacional

As notícias que diariamente vão chegando do andamento dos trabalhos na conferencia de Algeciras não são de molde a animar o optimismo dos primeiros dias. Verdade seja que o duque de Almodovar a todo o momento repete, se são verdadeiras as noticias dos correspondentes, que o exito da conferencia está assegurado e que se hão-de conciliar os interesses de



Em Algeciras. — Duque Almodovar del Río, no seu gabinete de trabalho no hotel Cristina

se não pronunciou, procurando agradar aos dois grupos sem se comprometter com nenhum. Como ella é, porém, signataria do accordo franco-hespanhol firmado pelo sr. Delcassé, não lhe será possível separar-se do grupo que appoia a França, não obstante todos os esforços que a Allemanha emprega para a attrahir. Mas com este duplo agrupamento e com a attitudo enigmatica da Allemanha como poderá a conferencia de Algeciras produzir obra util e chegar a conciliar todos os interesses?

Os delegados allemães ainda até agora não manifestaram qual a sua opinião a respeito da questão capital, que tem de ser resolvida — a organização da policia no Imperio marroquino. Tem-se até agora a conferencia occupado de questões relativamente secundarias, deixando para o fim o problema capital. Comprehende-se esta tactica. Os plenipotenciarios não querem discutir officialmente a organização policial do imperio, sem particularmente terem chegado a um accordo. Mas será este accordo possivel? Pelo



Em Algeciras. — Barão Joostens, ministro da Belgica

todas as potencias. Mas mais do que as palavras do presidente da conferencia tem significação a attitudo de alguns dos plenipotenciarios e a polemica que n'estes ultimos dias a imprensa officiosa allemã recomeçou contra as pretensões da França. Pela sua parte a imprensa de Paris responde com firmeza aos jornaes de além Rheno declarando categoricamente, que a Republica não fará na questão de Marrocos concessão mais alguma além das que já fez nas negociações ultimadas entre o principe Radolin e o sr. Rouvier.

Como se vê, não são estes symptomas muito animadores, apesar do que se diz das disposições conciliadoras de todos. De mais, conforme já é notorio e o *Figaro* claramente o accentuou, as potencias representadas na conferencia estão divididas em dois grupos: de um lado constituem um *bloc* em volta da França, a Italia, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Russia e Portugal; do outro lado agrupam-se em volta da Allemanha, a Austria-Hungria, a Belgica, a Hollanda, e a Suecia. A Hespanha ainda ao que parece

caminho que os trabalhos da conferencia vão levando a duvida é pelo menos legitima.

Um exame imparcial da attitudo das potencias representadas em Algeciras parece indicar que a Allemanha, não podendo obter maioria para fazer vingar os seus projectos, procura impedir que a conferencia chegue a qualquer resultado na questão da policia, persistindo o actual *statu quo*, que mais tarde e em occasião mais opportuna lhe permitirá levantar de novo a questão marroquina.

Sendo assim, propheticas foram as palavras do sr. Delcassé, quando declarou que a França commettera uma grave falta consentindo em ir á conferencia, por intimação da Allemanha. N'este ponto como em outros está bem vingado o antigo ministro dos negocios estrangeiros. Com todas as suas apregoadas habilidades parece-nos que o sr. Rouvier metteu a França n'um mau passo, de onde não poderá sair sem perigo ou sem desprestigio.



Em Algeciras. — Os embaixadores do Sultão de Marrocos Mohamed El-Mokri e Sidí Benis, saindo do Ayuntamiento

A realização em França dos inventarios das egrejas para se executarem as prescripções da lei da separação, tem dado logar a diversos tumultos, que n'algumas localidades assumiram caracter mais ou menos grave, sem chegarem contudo a assumir importancia de maior.

Não se comprehende bem a que

tactica obedecem estes motivos, nem que utilidade d'elles póde tirar o partido clerical.

Semelhanças scenas, que se passam no meio da indiferença geral da população, sómente servem para desprestigiar os seus inspiradores, tornando definitiva e irremediavel a derrota dos representantes da reacção. E de duas cousas uma: ou os motins a proposito dos inventarios foram suggeridos de Roma, para tentar crear dificuldades ao governo republicano, ou foram planeados em opposição ás instrucções do Vaticano, que não podia deixar de ter sido ouvido n'um assumpto d'esta natureza.

No primeiro caso, Roma dá prova da desorientação das espheras officiaes catholicas perante a crise religiosa que atravessa não só a França, mas mais ou menos as demais nações latinas. Nunca sob a responsabilidade do cardeal Rampolla se teria praticado um erro d'esta ordem.

No segundo caso, Roma apparece nos desobedecida e desprestigiada por consequencia por semelhante desobediencia, que é um mau symptoma para as futuras relações da Curia com os catholicos de França. Em qualquer dos casos, porém, é certo que a ridicula manifestação contra os inventarios das egrejas sómente servirá para mais accentuar o descalabro dos clericos. Ao menos a Venda teve uma certa grandeza, porque correspondia ao explodir do fanatismo *chonan*, que no fundo era sincero. O actual arremedo d'esta Venda de sachristia obedece apenas a uma baixa especulação politica, que nem sequer se dá ao trabalho de mascarar os seus intentos. Não admira, pois, que semelhante aventura tenha tido o epilogo que merecia — na policia correccional.

A crise hungara continúa no mesmo pé, ou antes tende a agravar-se. Tinham se ultimamente concebido esperanças, de que seria possivel uma conciliação entre a maioria do parlamento e a corôa. O conde Julio Andrássy em nome da colligação opposicionista havia chegado a partir para Vienna sendo o portador das propostas de accordo. O imperador Francisco José, dizia-se, mostrava-se inclinado a esse accordo, pedindo mesmo ao representante da colligação que se demorasse na capital, para lhe dar tempo a elle tomar uma resolução.

Parecia, pois, que tudo ia entrar no bom caminho, quando á ultima hora nos chega a noticia de que Francisco José recusou attender aos desejos da opposição e interrompeu as negociações com o conde Julio Andrássy, que já voltou para Budapest expôr aos seus amigos o fracasso da missão de que fôra encarregado. A colligação em resposta a este novo acinte da corôa publicou um manifesto, em que insiste nas suas reivindicações. Pelo seu lado o governo annunciou que o parlamento vae ser outra vez dissolvido ou pelo menos adiado por um largo periodo.

Está, pois, aberta a phase mais violenta d'este conflicto que dura ha já dois annos, paralyssando completamente a vida normal da nação, e desorganizando todos os serviços administrativos. Não se comprehende a obsecção de Francisco José, que parece cego e surdo ao que em volta d'elle se está passando. Tudo lhe aponta para os perigos da sua teimosia, que vae ter como ultima e prevista consequencia um movimento separatista, que será golpe decisivo nos destinos do imperio. Pois não cede. Que mau genio o está inspirando em tão dementada resistencia? Será apenas o espirito reaccionario e odio dos circulos conservadores da côrte,

ou entrará como factor da sua incomprehensivel attitude alguma influencia estrangeira, que tenha interesse em apressar a dissolução do imperio? Não é improvavel esta segunda hypothese. Mais de uma vez se tem apontado para a Alemanha como a causadora do que na Hungria se está passando. Os magyares já o suspeitam e nos seus jornaes começa a apparecer d'isso indício. É sabido que o caminho mais facil para Guilherme II se apossar das provincias



Em Algeciras. — Missão austriaca: conde e condessa de Welschheimt e dois secretarios

alleãs da Austria e dos doze milhões de individuos, que as compõem, seria o provocar a desintegração do imperio por meio da separação da Hungria.

Afinal teve apenas a vida das rosas o novo ministerio italiano presidido pelo sr. Fortis.

A discussão na camara dos deputados sobre a politica geral do governo terminou pela derrota do gabinete, que se apressou a pedir a demissão ao rei.

Depois de algumas hesitações, talvez mais apparentes do que reaes, foi a demissão, acceita por Victor Manuel, que chamou para constituir a nova situação o sr. Sonnino, chefe do grupo conservador da camara, o qual parece que apresentou ao rei a seguinte lista de ministros: Sonnino, presidencia do conselho e ministerio do interior; Luzatti, thesouro; Guicciardini, negocios estrangeiros; Pantano, obras publicas. As outrs pastas foram distribuidas pelos srs. Sacchi, Coccartu e Bosselli.

A solução da presente crise tem para a Italia uma excepcional importancia, e pode determinar na peninsula acontecimentos com que não se contava. Ninguém duvida da capacidade e da honradez do novo presidente do conselho. Mas todos se arreceiam dos seus processos administrativos e dos principios politicos, que são o credo do partido conservador. Demais a Italia tinha-se convencido que de hoje em diante a evolução da sua politica se havia de fazer no sentido liberal e democratico. De repente vê com inquietação o inesperado salto para a direita, por não saber aonde a levará este começo de reacção. Depositára talvez demasiada confiança nos suppostos sentimentos liberaes do novo rei, e quando menos o esperava vê-se a braços outra vez com os conser-



Em Algeciras. — Duque Alvo Iocar del Rio, mr. Sager, ministro da Suecia e condessa de Tattenbach, no pateo do hotel Cristina

vadores, que fatalmente hão-de provocar no paiz a mesma opposição que em tempo obrigou o ministerio Pelloux, de triste memoria, a demittir-se.

Este é o aspecto grave da crise actual. De Giolitti para Fortis a differença não era grande. Quasi que apenas se tratava de uma mudança de homens. A orientação politica ficava a mesma. Na conjunctura presente o caso muda muito de figura. Trata-se de uma mudança radical de politica. E' nem mais nem menos do que a reversão aos dias de Crispi, de Rudini e de Pelloux. Supportará a Italia esta mudança? . . .

E' singular a evolução dos dois ultimos reis da Italia una. Humberto começou por chamar aos conselhos da corôa o quasi republicano Cairoli para acabar com o reaccionario Rudini. Victor Emmanuel III principiou com o liberal Giolitti e já passa a depositar a sua confiança no conservador Sonino.

Melhor do que ás mulheres não seria applicavel aos reis o conhecido verso:

Souvent femme varie
Bien sôt est qui s'y fie?

CONSIGLIERI PEDROSO.



Visconde de Santo Thyroso

Carlos Cyrillo Machado

Ministro plenipotenciario de 2.ª classe, actual ministro de Portugal em Bruxellas

A Imperatriz ⁽¹⁾

(Por occasião da sua morte)

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vaes, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade da minh'alma entristecida!

De augusto e velho troneo hastea partida
É transplantada á terra brasileira,
Lá te fizeste á sombra hospitaleira,
Em que todo o infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratição no seu delirio;
Caiste, e eu fico a sós n'este abandono,
Do teu sepulchro vacillante cirio!

Como foste feliz! Dorme o teu somno. . .
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio,
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

D. PEDRO DE ALCANTARA.

(1) Este soneto escreveu-o o velho imperador do Brasil, no Porto, depois da morte de sua esposa, a santa velhinha, que veio acabar os seus dias n'um hotel da capital do Douro.

THEATROS

D. Maria, Hamlet. — **D. Amelia, A festa de Palmyra Bastos.** — **Trindade — Gymnasio, Mestres e aprendizes.** — **Avenida, Que noite de nupcias.** — **Principe Real, O anno passado.** — **Colyseu dos Beerclos, Madame, Tiers e Cléo de Mérode.**



Não temos peça nova em **D. Maria**, onde á *Máxima* se seguiu o *Hamlet*, cremos que em 16.ª *reprisè*. Peça de resistencia, é ainda o velho e sempre novo Shakespeare que em dar enchenes aos theatros bate o *record*. Basta annunciar o *Hamlet* ou o *Othello* para não ficar um logar vasio. E hoje como ha 17 annos, hontem como hoje. Vão lá dizer depois d'isto se a arte tem patria e e genio tem idade!

Como os grandes artistas que não cristalizam nem na orientação nem no desempenho de uma personagem, Brazão modificou para melhor, sem duvida, alguns dos seus processos na execução do *Hamlet*. D'ahi as ovações novas que tem recebido do publico em todas as noites de representação da famosa tragedia.

E' uma excellente Ophelia a sr.ª Luz Velloso. Voz macia e doce, com timbres de uma suavidade encantadora, sobriedade no gesto, e alma d'artista, comprehendeu tão bem essa figura de sonho a artista que a reproduziu, que não são exaggerados por maiores que sejam os louvores da critica.

E injusto seria que elles não premiassem tambem o trabalho de Ferreira da Silva, no papel difficil do cozeiro, que elle fez mais rustico ainda que os cozeiros nossos conhecidos, mas a que imprimiu originalidade e a que deu relevo.

Em **D. Amelia** *Venus, Venus* e mais *Venus, Venus per secula seculorum*. Este simples registo estamos que é mais agradável á empreza do que a apreciação de qualquer peça nova que em agrado e exito não chegue aos calcandares d'aquella.

Já passou o cabo das 50 e quando lá chegou quiz que essa data fosse marcada com festa rija, festa artistica e ao mesmo tempo



Madame Mauricia de Tiers

festa intima, em que Palmyra Bastos, que tem sido a alma da peça precisava provar que era o idolo do publico. E elle para não desmentir a versão, em todos os corações radicada, nem deixar os seus creditos por mãos alheias, correu essa noite ao elegante theatro, e encheu-o mais uma vez com a sua presença como encheu com as suas palmas e os seus bravos a alma sensivel da artista. . . Noite de festa, noite de gloria.

Não temos que falar da **Trindade** até que um novo trabalho

se apresente no seu palco, onde *A Bohemia* assentou arraiaes, disposta a não permitir que outra os invada tão depressa. Esperemos contudo que a invasão se dê e ponhâmos a penna em descanso... até lá.

Mestres e aprendizes é a nova comédia em 3 actos, que com a sua excepcional habilidade para este genero, o sr. Freitas Branco adaptou do inglez á scena portugueza, e que tem tido no **Gymnasio** exito excepcional. Peça para desopilar, cheia de peripecias, de trocadilhos, de ditos, de imprevistos, tem scenas que são um achado, personagens de um comico impagavel, finais d'actos de



Cléo de Mérode

fazer morrer de riso todos os mysanthropes d'este mundo e do outro. E se alguma cousa lhe faltasse lá estava a Barbara e o Telmo e o Joaquim d'Almeida para mostrar que a graça não se acaba e a velha guarda... não se rende.

O **Avenida** tem tido em scena uma das mais espirituosas e adoraveis comedias que teem sido representadas em theatro portuguez: *Que noite de nupcias*, em 3 actos, traduzida do francez por Eduardo Garrido, com aquelle fino espirito e aquella louçania de phase que todos lhe conhecemos.

José Ricardo e Lopicollo, secundados pelos melhores artistas do theatro, teem posto tal arte e cuidado no desempenho, que a *Noite de nupcias*, por elle realçada, tem sido uma requintada *gourmandise* para paladares exigentes.

Accacio Antunes e Machado Correia, que no genero *revistas* teem experimentado o pulso litterario, confirmaram n'ò agora com a revista *O anno passado*, em scena no **Principe Real**.

Muitos dos acontecimentos occorridos em 1905 desfilam por esses tres actos, ora repassados de graça caustica, ora cheios de observação e critica, aqui tocados de leve, um tanto picantes acolá, e por toda a parte despertando o riso e aguçando a curiosidade. São mais felizes que o ultimo os dois primeiros actos, mas os auctores modificaram-n'ò por fórma que elle tem hoje incontestavel direito á partilha nos applausos com que o publico acolhe as melhores scenas da revista.

A musica de Philippe Duarte é inspirada e por vezes encantadora, e o desempenho de Lucinda do Carmo, Amelia Pereira, Maria das Dôres, Rosa d'Oliveira, Luciano, Setta da Silva, Valle, e outros artistas teve larga contribuição no exito alcançado. A empresa do **Principe Real** esmerou-se no scenario e no guarda-roupa.

A quatro dias de intervallo annunciou o **Colyseu dos Recreios** dois acontecimentos sensacionais: o *auto bolide* de **Madame Tiers**, e a exhibição de **Cléo de Mérode**. Traziam ambas estas artistas fama de belleza e tradição de arte. A primeira entusiasmara com o seu arrojio, mais de 300 vezes repetido, publicos numerosos dos principaes theatros da Europa; a segunda creára uma quasi lenda em volta do seu nome e da sua formosura, e para *reclamar* o com exito bastava simplesmente annuncial-o. De todos é sabido o acontecimento que nos privou de juntar os nossos applausos aos dos grandes circos europeus, n'essa noite em que se

annunciava a estreia de **Madame Tiers** no Colyseu de Lisboa. A artista foi victima de um incidente desastroso, de cuja origem não teve a menor culpa a empresa, que não tem sido poupada por invejosos e malquerentes.

Esperamos ver ainda no Circo de Santo Antão **Madame Tiers**, cuja belleza attraheu o publico *au premier abord*, belleza realçada por um toque de bondade, que tornou mais sensivel ainda a amargura dos que viram, sem poder evital-o, o desastre do seu *auto bolide*.

Mas, emquanto ella não volta, vamos dando todas as noites os nossos olhares mais attentos e os nossos bravos mais calorosos á divina **Cléo** que, por um novo recurso de thaumaturgo, Antonio Santos conseguiu trazer a Lisboa, enchendo-nos de reconhecimento a nós, e á Belgica de... saudades.

JAYME VICTOR

Passado e presente

Eu tinha posto os olhos no futuro,
n'uma esperança vã ou indiscreta,
crendo tudo das côres que o poeta
reveste os sonhos no ideal mais puro.

Hoje que vejo e penso, mal seguro
das minhas concepções, encaro a meta
d'esta vida de enganos, como o asceta,
e como o asceta a solidão procuro.

Se tudo muda e passa cada dia,
e se a incerteza só é permanente,
tudo quanto se crê é phantasia.

Uma viva saudade tão pungente
sinto das minhas crenças, todavia,
que amo mais o passado que o presente.

M. M. PORTELLA.



Dr. Carlos José d'Oliveira

Advogado e antigo governador civil de Lisboa

1 em 8 2 9 5

Antigo jurisconsulto, antigo deputado, era uma das individualidades mais em evidencia no meio lisboeta.

O conselheiro Carlos José de Oliveira era um dos raros que honravam a profissão, e que no exercicio d'ella conquistavam prestigio e nome.

Nasceu em 1835, em 1858 formou-se em direito, e os quarenta e oito annos que medearam entre esta ultima data e aquella em que morreu todos foram applicados a um trabalho infatigavel e honesto, em que sempre cothou fama de advogado sem nunca ter manchado a honra. Nem ha elogio maior ao valor e ao caracter.

Foi governador civil de Lisboa, militou no partido progressista, presidiu á camara dos deputados e soube sempre conciliar primorosamente o desempenho dos cargos officiaes com o exercicio da advocacia.